

J. B. Van Helmont e o enxofre na preparação do “bálsamo” para prolongar a vida.

Paulo Alves Porto (PQ). palporto@iq.usp.br

Instituto de Química – Universidade de São Paulo – CP 26077 - CEP 05513-970 - São Paulo - SP.

Palavras Chave: J. B. Van Helmont, enxofre, bálsamo, longevidade, século XVII, história da química.

Introdução

Em sua extensa obra, J. B. Van Helmont (1579 – 1644) buscou reformular a medicina de sua época, propondo inovadoras concepções a respeito do que seriam a doença e a cura. Não se furtou, além disso, a discutir a possibilidade de prolongar a vida. O objetivo deste trabalho é investigar a proposição de Van Helmont do uso de fumos de enxofre na preparação de um “bálsamo” capaz de promover a longevidade humana. Nesta pesquisa, utilizamos a obra *Ortus medicinae* (1648) e sua tradução inglesa *Oriatrike* (1662), e também procuramos identificar algumas possíveis fontes das idéias de Van Helmont.

Resultados e Discussão

Em seu tratado “A árvore da vida”, Van Helmont forneceu instruções para a preparação de um bálsamo destinado a prolongar a vida humana, o qual seria obtido pelo tratamento de cascas de cedro do Líbano com um solvente de extraordinárias propriedades, o *liquor alkahest*.¹ Como, porém, a preparação do *alkahest* seria muito difícil e acessível a poucos, Van Helmont sugeriu o uso de um bálsamo alternativo: gotas do “destilado ácido do enxofre”, diluídas e tomadas como remédio. Segundo ele, observando que os “fumos do enxofre” (chamados também de *gás do enxofre*) conservavam os vinhos e os sucos de vegetais por mais tempo, supôs que também poderiam conservar nosso sangue. Assim, o corpo poderia ficar protegido contra muitas doenças relacionadas à corrupção. Para compreender essa curiosa receita de Van Helmont, é preciso considerar o significado de *bálsamo* na tradição paracelsista. Segundo os dicionários de G. Dorn (1584) e de M. Ruland (1612), um bálsamo seria uma substância capaz de conservar corpos da putrefação. Paracelso, em *Archidoxis* (1570), escreveu que os bálsamos conservariam não apenas o corpo humano, mas também madeira, ervas, etc. Os referidos dicionários trazem ainda outra acepção para bálsamo: seria o óleo destilado de quaisquer corpos, e conduzido ao grau máximo de pureza. Pode-se notar, assim, uma conexão com o conceito de *gás* desenvolvido posteriormente por Van Helmont.² A importância atribuída por Van Helmont ao enxofre pode ser mais bem entendida pela leitura do capítulo “Hipócrates redivivo”, de seu tratado “O túmulo da peste”. Nele, Van Helmont destaca propriedades do enxofre

(supostamente conhecidas por Hipócrates) que fariam dele um importante remédio. O melhor enxofre seria aquele amarelo, que queima e volatiliza-se por completo, sem deixar resíduo. Sendo tão semelhante ao fogo, o enxofre seria a única substância que resistiria à putrefação. Os relatos lendários associados a Hipócrates davam conta de que ele teria combatido a peste em Atenas utilizando fogueiras e fumigações.³ Na interpretação de Van Helmont, Hipócrates teria usado fumos de enxofre tanto na purificação das casas, quanto dissolvido em vinho como remédio contra a peste. A explicação oferecida por Van Helmont passa pela compreensão da ação dos remédios no corpo humano. Segundo ele, remédios não são alimentos nem excrementos: ao passarem pelo estômago, o *archeus influus*² teria que decidir entre eliminá-los ou não, e nesse momento receberia sua influência. Assim, os remédios não seriam incorporados ao organismo, e por isso não poderiam renová-lo, ou seja, restaurar a juventude. Por essa razão Van Helmont negava que a Pedra Filosofal fizesse rejuvenescer – sua natureza mineral impediria isso. O *gás do enxofre*, por outro lado, seria uma forma sutil do enxofre, livre de sua “casca” material mais externa. Ao penetrar no corpo humano devidamente dissolvido e diluído, esse *gás* entraria em contato com o *gás vital* que existe no sangue. O *gás vital*, responsável pela manutenção da vida em todas as partes do corpo, receberia então a ação benéfica do *gás do enxofre*, que o protegeria da corrupção.

Conclusões

A ação medicinal do *gás* obtido do enxofre – substância carregada de tantos significados, presentes em antigas tradições médicas e alquímicas – se daria por sua sutileza e sua semelhança com o *gás vital*, com o qual interagiria facilmente. Assim, o uso do *gás do enxofre* como “bálsamo” para prolongar a vida constitui-se em mais um exemplo de como Van Helmont re-elabora antigos temas na tessitura de sua filosofia química orientada para uma nova medicina.

¹ Porto, P. A. *Bulletin of the History of Medicine*. **2002**, 76, 1 – 29.

² Porto, P. A. *Van Helmont e o Conceito de Gás*. São Paulo, EDUC, **1995**.

³ Pinault, J. R. *Journal of the History of Medicine*. **1986**, 41, 52 – 75.